

Perfil sociodemográfico, comportamental e clínico de pessoas vivendo com aids: uma perspectiva na condição crônica

Cassiara B. B. de Oliveira¹; Marisa B. Posso²; Maria Amélia Z. Ponce³; Rúbia Laine de P. Andrade⁴; Mônica Cristina R. A. D. A. de Lima¹; Laís Mara C. da Silva¹; Aline Aparecida Monroe⁴.

¹Programa de Pós-graduação Enfermagem em Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP), 14040-902, Ribeirão Preto, SP, Brasil, E-mail: cassiara.boeno@usp.br. ²Serviço de Atendimento Especializado em doenças infectocontagiosas, 15030-560, São José do Rio Preto, SP, Brasil. ³Secretaria Municipal de Saúde, Departamento de Atenção Especializada, 15014-490, São José do Rio Preto, SP, Brasil. ⁴Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública, EERP/USP, 14040-902, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

No Brasil o HIV/aids ganhou notoriedade a partir da década de 1980, escancarando as contradições sociais, econômicas e culturais de um país em desenvolvimento. Objetivou-se caracterizar o perfil sociodemográfico, comportamental e clínico de pessoas que vivem com aids em cronicidade. Estudo descritivo, de abordagem quantitativa, com dados coletados entre abril e agosto de 2015 no serviço de atendimento especializado em doenças infectocontagiosas de um município de médio porte no interior paulista. Consideraram-se indivíduos de ambos os sexos em tratamento da aids no período da coleta de dados, e que o tenha iniciado no ano 2000. Participaram da pesquisa 11 indivíduos, que responderam um questionário estruturado, cujos dados foram submetidos à análise descritiva. Observou-se predominância do gênero feminino (63,3%), média de idade de 48,6 anos ($\pm 8,5$), cor branca e parda (45,5% cada), estado civil casado/união estável (45,5%) e ensino fundamental incompleto (36,4%). A maioria (81,8%) referiu práticas heterossexuais. Não houve menção à doenças oportunistas por 81,8% dos indivíduos, entretanto, 63,3% referiram doenças crônicas associadas. Destas, 27,3% mencionaram Diabetes Mellitus (DM), 54,5% Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) 36,4% Hepatites, sendo que 27,3% relataram as formas A, B e C da doença e 9,1% as formas C e B concomitantemente. Nos exames de CD4, observou-se resultados <350 em 36,4%; 350-500 em 18,8%; e >500 em 45,5% dos casos. Sugere-se precaução na extrapolação desses resultados às populações que vivem com aids. Os achados suscitam reflexões acerca da alta prevalência de doenças crônicas associadas à aids e quanto a contagem de células CD4 baixa. Aspectos que sugerem a necessidade de fortalecimento do cuidado a esses indivíduos, especialmente, no que concerne a associação de doenças crônicas, como: o DM, a HAS e as Hepatites. Espera-se, a partir disso, que haja melhoria na qualificação da condição de saúde das pessoas que vivem com a aids em cronicidade.

Palavras-chave: Síndrome da imunodeficiência adquirida, Doenças transmissíveis, Doença crônica.

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).